

## Aumenta pressão pelo uso da selva amazônica

Da Reportagem Local

O corte de árvores da Amazônia para aproveitamento industrial utiliza pelo menos 17 milhões de metros cúbicos por ano. Apesar de grande, esse volume é bem menor que os 26,4 milhões de metros cúbicos de madeira consumidos pelas queimadas na floresta no ano passado. O que torna relevante a questão é o fato de o aproveitamento industrial fugir da racionalidade da exploração compatível com a preservação ecológica.

A floresta amazônica possui aproximadamente 370 milhões de hectares, que representam 78% da cobertura vegetal do país e 30% das florestas tropicais do mundo. Apesar deste estoque madeireiro, até hoje o Brasil contribuiu com apenas 2% do comércio internacional de produtos florestais. A baixa participação deve-se ao pequeno número de espécies utilizadas, às precárias condições e à desorganização da produção. As madeiras mais exploradas têm sido mogno, virola, sucupira e jatobá.

Países tropicais do sudeste asiático como Malásia, Indonésia e Singapura são os líderes do mercado madeireiro, responsáveis por 75% das exportações mundiais. O principal consumidor desse mercado é o Japão, seguido da Comunidade Econômica Européia. Grupos ambientalistas de todo o mundo estão pressionando para o fim da exploração madeireira nesses países, o que não é difícil de acontecer. Isso porque a exploração irracional já praticamente exterminou com as florestas locais. Na África, em Madagascar, 93% das florestas tropicais já foram dizimadas.

Grupos ecologistas brasileiros, como Oikos, Defensores da Terra e SOS Mata Atlântica têm alertado que os países consumidores de madeira irão forçar a exploração da Amazônia uma vez esgotadas as florestas asiáticas e africanas, ou diminuída a produção que possam ter. A maior pressão para isso se daria com o asfaltamento da rodovia BR-364 entre Rio Branco, no Acre, até a fronteira desse Estado com o Peru.

A partir dali está viabilizada a ligação rodoviária para os portos do Pacífico, saída para o mercado consumidor japonês e asiático. A verba para as obras de asfaltamento deve ser liberada ao Brasil nos próximos meses pelo Banco Mundial.